

ENTREVISTA

Alexandre Azevedo

O que nos falta é organização

Os portugueses estão apáticos e não mostram energia para dar o salto que lhes permita ser melhores. Isso é fatal para a nossa auto-estima, diz **Boaventura Sousa Santos**

O sociólogo Boaventura Sousa Santos explica a raiz do pessimismo português: somos sempre os últimos da Europa. Mesmo quando melhoramos, os nossos vizinhos melhoram mais. Por isso, a nossa auto-estima não pode aumentar, refere o director do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e responsável pelo Observatório Permanente da Justiça Portuguesa.

Focus – Passámos os últimos dois anos a ouvir que os portugueses estão deprimidos. Pelos vistos, continuam...

Boaventura Sousa Santos – É um facto que o país precisa de mais auto-estima – o Euro 2004 mostrou isso, com o fenómeno das bandeiras. Mas Portugal tem um problema: somos o país menos desenvolvido do grupo dos mais desenvolvidos. Estamos sempre na cauda. Isso não é bom para a auto-estima.

Focus – Isso não devia ser um desafio? Os portugueses são pouco competitivos?

B.S.S. – Não, porque os portugueses que vivem no estrangeiro dão

provas de o ser. O problema está na forma de organização do país. Temos uma cultura autoritária, passámos 48 anos neste tipo de cultura e ainda não fomos capazes de dar o salto. Estes 30 anos modernizaram o país e a integração europeia garantiu maior desenvolvimento. Mas usámos o melhor possível as ajudas? Não, porque não investimos na educação, nem numa nova cultura de gestão. Investimos no betão e não na criação de uma cultura democrática, centrada nos cidadãos e na eficácia. Por outro lado, os portugueses

“Como as expectativas são baixas, Santana Lopes (que tem intuição política) irá usar isso a seu favor e qualquer coisa que faça vai beneficiá-lo em eleições. Parte com essa vantagem”

Ilídio Teixeira



José Barradas



Alexandre Azevedo



“Não ponho em causa as boas intenções de Jorge Sampaio”, mas a decisão do Presidente (de não convocar eleições) “desiludiu o país”. “Vamos ter dois anos que prolongam o nosso atraso”

Após dois anos de Celeste Cardona, “as deficiências estruturais da Justiça não foram atacadas e os problemas mantêm-se”

não têm tido muitas razões para não serem derrotistas. Com o 25 de Abril, as pessoas acreditaram que o futuro ia ser diferente e envolveram-se, mas hoje não têm nenhum interesse pela política porque são recrutados os mais medíocres e os que têm mais valor vão para o estrangeiro ou fazem outras coisas. Temos uma democracia sem cultura democrática. Cada vez há mais distância entre os cidadãos e a política, e a decisão de Jorge Sampaio só a agravou.

Focus – Foi muito crítico da decisão de manter o Governo. Por quê?

B.S.S. – Era a favor das eleições antecipadas e considero que a decisão do Presidente da República nos coloca no grau zero da legitimidade democrática. O país ficou desiludido e o Presidente está refém dessa decisão. Agora vem dizer ao Governo e oposição para olharem de frente, quando ele não foi capaz de olhar de frente para as realidades do país. E com isso vamos ter um compasso de espera; são dois anos em que estamos parados e que prolongam o nosso atraso em relação aos outros países europeus.

Focus – Por quê?

B.S.S. – Não se espera nada deste governo. Como as expectativas são baixas, Santana Lopes – que tem intuição política – irá usar isso a seu favor e qualquer coisa que faça vai beneficiá-lo nas eleições. Ele parte com essa vantagem. Esta teria sido uma oportunidade ótima para aproximar os portugueses da política,

mas Sampaio preferiu tomar uma decisão de gabinete, baseada em interesses partidários e económicos – que fizeram muita força para que não houvesse eleições antecipadas, e ganharam. Contra a vontade dos portugueses.

Focus – O Presidente aliou-se a esses interesses?

B.S.S. – Não ponho em causa as suas boas intenções mas, objectivamente, aliou-se a esses interesses e contribuiu para o atraso do país. Agora vai passar dois anos a condecorar bombeiros no Verão por causa dos incêndios, e bombeiros no Inverno por causa das cheias, mas não penso que mais nada vá acontecer até às eleições. Com esta crise, criou-se a ideia de que ninguém está interessado em levar a sério este país e cumprir até ao fim os compromissos que se assumem: primeiro foi Guterres, agora Durão; ambos desertaram. O PS também geriu mal o processo porque, se queria eleições antecipadas, a ponto do secretário-geral se demitir, então devia ter feito uma campanha a favor das eleições em que jogasse o seu futuro. Mas não o fez.

Focus – Está pessimista quanto ao futuro?

“Com esta crise, criou-se a ideia de que ninguém está interessado em levar o país a sério”

B.S.S. – Tenho um optimismo trágico: pode haver uma saída para Portugal, mas as dificuldades são cada vez maiores, e o alargamento da União Europeia não nos beneficia. E ninguém se iluda quanto ao facto de o presidente da Comissão ser português: não vai ter nenhuma vantagem imediata e até nos pode prejudicar, para não criar a suspeita de nos beneficiar. Neste momento, os portugueses não têm razões para serem optimistas, e nos próximos dois anos ainda menos, com um Governo a prazo. Como este é um país de milagres, pode ser que ocorra algum, mas estou mais pessimista do que estava há dois anos. As condições que Portugal tem para lutar por um lugar ao sol na Europa são cada vez mais difíceis.

Focus – Então há razões para estarmos deprimidos?

B.S.S. – Apesar das mudanças dos últimos 30 anos, chegámos a uma dura conclusão: apenas cobrimos metade da distância para a média da Europa, e a outra metade vai ser mais difícil de alcançar. É aí que está a raiz do pessimismo português e que nos tornou um povo com excessivas expectativas negativas e falta de auto-estima: se calhar nunca vamos alcançar essa média.

Focus – Como se mobiliza os portugueses?

B.S.S. – Chamando-os a participar. Mas, quando se cria a ideia de que eleições criam instabilidade, há um retrocesso que é fatídico para a so-

► cidade portuguesa. Se os portugueses chegarem à conclusão de que não há alternativas, que os partidos têm as mesmas políticas, se concluírem que quem nos governa são algumas elites económicas ou políticos medíocres, e até corruptos (Portugal tem um grave problema de corrupção; somos um país que está à venda pelas elites políticas), então é natural que os portugueses se distanciem e se abstenham mais. Em Portugal, os partidos são os exclusivos representantes dos interesses, o que já não acontece nos outros países. Temos uma cultura partidocrática, feita de partidos relativamente medíocres e com um excesso de peso.

Focus – Não há solução?

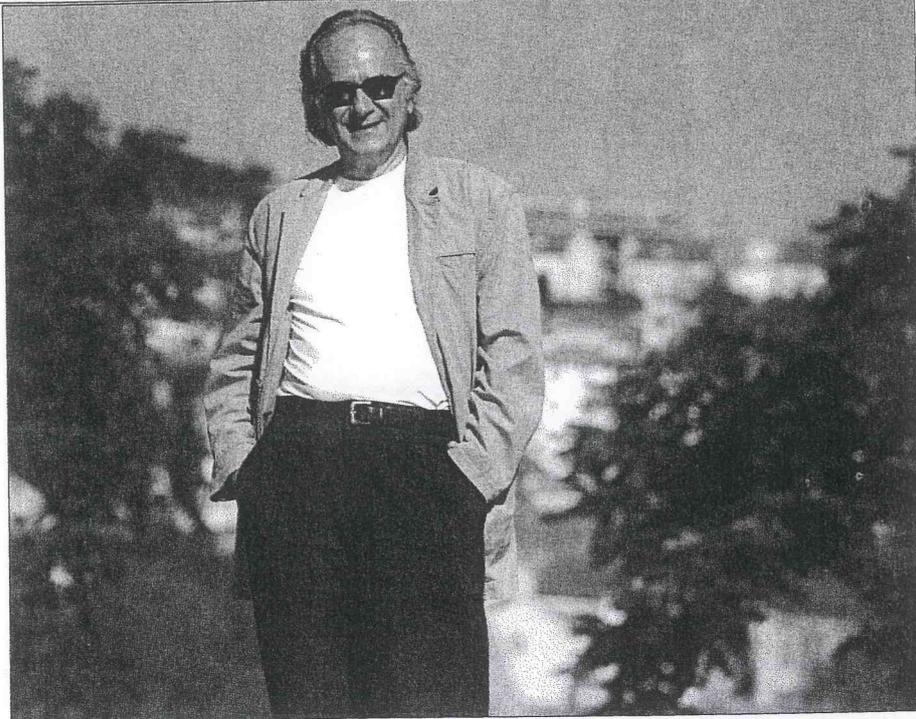
B.S.S. – Mudámos muito, para melhor, nestes últimos 30 anos. Mas os nossos vizinhos mudaram mais e melhor. O investimento na Educação era prioritário e os espanhóis fizeram-no. Cá, quando olhamos para os professores, vemos uma classe desmotivada; e professores desmotivados não podem ser bons. Temos de dar o salto e a Europa vai obrigarnos a isso, mas melhoramos sempre menos do que os outros; menos do que os espanhóis, agora menos do que os gregos e, qualquer dia, menos do que os eslovenos ou os húngaros. Isso tem um efeito muito negativo na nossa auto-estima.

Focus – E não há volta a dar?

B.S.S. – É preciso dar a volta mas não vejo energia na sociedade portuguesa; há uma certa apatia e com este compasso de espera de dois anos ficamos pior. Por exemplo, em Portugal não se valoriza a criatividade, a inovação, o risco. À frente das universidades temos, em grande parte, burocratas com uma visão burocrática das instituições.

Focus – E na Justiça, estes dois anos com Celeste Cardona foram perdidos?

B.S.S. – Não foram anos perdidos, mas não houve mudanças qualitativas. Os indicadores mostram que as deficiências estruturais do sistema não foram atacadas e os problemas mantêm-se.



“Portugal tem um grave problema de corrupção, somos um país que está à venda pelas elites políticas. É natural que os portugueses se distanciem e se abstenham”

Focus – Quais são?

B.S.S. – Temos uma Justiça ineficaz e morosa. Basta ver o aumento das pendências que houve em todas as áreas ao longo da última década: aumentaram de 408 mil, em 1990, para um milhão e 83 mil, em 2001. O sistema, em vez de ganhar eficiência, perdeu-a.

Focus – O que é preciso fazer?

B.S.S. – Há duas medidas fundamentais: alterar profundamente a formação dos magistrados (senão, vamos continuar a ter uma cultura judiciária desfasada dos problemas da sociedade, dos cidadãos e das empresas) e garantir uma nova cultura de gestão eficaz.

Focus – Como?

B.S.S. – A ideia de que a Justiça só admite casos de urgência quando existe réu preso tem de ser alterada: um trabalhador acidentado ou um empresário que tem um problema

jurídico precisam de decisões rápidas. A actividade económica não pode parar e um acidentado não pode ficar anos à espera de uma indemnização. É preciso formar magistrados que entendam que estão ao serviço dos cidadãos, uma noção que de momento não existe.

Focus – Situações recentes como a do juiz do caso Apito Dourado descredibilizam a Justiça?

B.S.S. – Em geral, os portugueses não consideram os juizes corruptos. Há casos que podem levantar dúvidas, mas isso acontece sempre quando são assuntos polémicos. Em todo o caso, é certo que tem havido laxismo no controlo do desempenho dos magistrados.

Focus – Quais são as tarefas prioritárias do novo ministro da Justiça?

B.S.S. – Formação e gestão. O meu temor é que, mais uma vez, tenhamos apenas uma gestão corrente, sem ir aos problemas de fundo. Até porque as reformas necessárias vão mexer em interesses instalados e, por isso, são politicamente difíceis. ■

**“Mudámos muito, para melhor,
nestes últimos 30 anos.
Mas os nossos vizinhos
mudaram mais e melhor”**

MÁRIA JOÃO LEAL